

A MURALHA, O HISTORIADOR E OS LIVROS

Herasmo Braga ¹

Borges escreveu:

Li, dias atrás, que o homem que ordenou a edificação da quase infinita muralha chinesa foi aquele primeiro Imperador, Che Huang-ti, que também mandou queimar todos os livros anteriores a ele. O fato de as duas vastas operações – as quinhentas a seiscentas léguas de pedra opostas aos bárbaros, a rigorosa abolição da história, isto é, do passado – procederem da mesma pessoa e serem de certo modo seus atributos inexplicavelmente agradou-me e, ao mesmo tempo, inquietou-me. Indagar as razões dessa emoção é o fito desta nota.

Historicamente, não há mistério nas duas medidas. Contemporâneo das guerras de Aníbal, Che Huang-ti, rei de Tsin, reduziu os Seis Reinos a seu poder e aboliu o sistema feudal; erigiu a muralha, porque as muralhas eram defesas; queimou os livros, porque a oposição os invocava para louvar os antigos imperadores. Queimar livros e erigir fortificações é tarefa comum dos príncipes; a única singularidade de Che Huang-ti foi a escala em que ele atuou. É o que dão a entender alguns sinólogos, mas eu sinto que os fatos referidos são algo mais que um exagero ou uma hipérbole de disposições triviais. Cercar uma horta ou um jardim é comum; não, cercar um império. Tampouco é rotineiro pretender que a mais tradicional das raças renuncie à memória de seu passado, mítico ou verdadeiro. Três mil anos de cronologia tinham os chineses (e, nesses anos, o Imperador Amarelo, e Chuang Tzu, e Confúcio, e Lao-tsé), quando Che Huang-ti ordenou que a história começasse com ele.

¹ Professor de teoria e crítica literária das universidades Uespi e Uema e da faculdade Chrisfapi

Che Huang-ti condenara a mãe ao desterro por libertinagem; em sua dura justiça, os ortodoxos não viram senão impiedade; Che Huang-ti talvez quisesse suprimir os livros canônicos porque estes o acusavam; Che Huang-ti talvez quisesse abolir todo o passado para abolir uma única lembrança: a infâmia de sua mãe. (Não de outra sorte um rei, na Judéia, mandou matar todas as crianças para matar uma.) Essa conjetura é aceitável, mas nada nos diz da muralha, da segunda face do mito. Che Huang-ti, segundo os historiadores, proibiu qualquer menção à morte, e procurou o elixir da imortalidade, e recluiu-se em um palácio figurativo, que constava de tantos aposentos como dias têm o ano; esses dados sugerem que a muralha no espaço e o incêndio no tempo foram barreiras mágicas destinadas a deter a morte. Todas as coisas querem persistir em seu ser, escreveu Baruch Spinoza; pode ser que o Imperador e seus magos acreditassem que a imortalidade é intrínseca e que a corrupção não pode entrar em um orbe fechado. Pode ser que o Imperador tenha tentado recriar o princípio do tempo, tenha-se chamado Primeiro para ser realmente o primeiro, e Huang-ti para de certo modo ser Huang-ti, o legendário imperador que inventou a escrita e a bússola. Este, segundo o Livro dos Ritos, deu às coisas seu nome verdadeiro; semelhantemente, Che Huang-ti jactou-se, em inscrições que perduram, de que, sob seu império, todas as coisas receberam o nome que lhes convém. Sonhou em fundar uma dinastia imortal; ordenou que seus herdeiros se chamassem Segundo Imperador, Terceiro Imperador, Quarto Imperador, e assim até o infinito... Falei de um propósito mágico; também poderíamos supor que erigir a muralha e queimar os livros não foram atos simultâneos. Isso (segundo a ordem que escolhêssemos) dar-nos-ia a imagem de um rei que começou por destruir e mais tarde resignou-se a conservar, ou a de um rei desiludido que destruiu o que antes defendia. Ambas as conjeturas são damáticas, mas, que eu saiba, carecem de base histórica. Herbert Allen Giles conta que aqueles que ocultaram livros foram marcados a ferro candente e condenados a construir, até o dia de

sua morte, a desmedida muralha. Essa notícia favorece ou tolera outra interpretação. Talvez a muralha fosse uma metáfora, talvez Che Huang-ti tenha condenado aqueles que adoravam o passado a uma obra tão vasta quanto o passado, tão néscia e tão inútil. Talvez a muralha fosse um desafio e Che Huang-ti tenha pensado: “Os homens amam o passado, e contra esse amor nada posso nem podem meus carrascos, mas um dia há de viver um homem que sinta como eu, e ele destruirá minha muralha, como eu destruí os livros, e ele apagará minha memória e será minha sombra e meu espelho, e não o saberá”. Talvez Che Huang-ti tenha amuralhado o império porque sabia que este era precário e destruído os livros por entender que eram livros sagrados, ou seja, livros que ensinam o que ensina o universo inteiro ou a consciência de cada homem. Talvez o incêndio das bibliotecas e a edificação da muralha sejam operações que de modo secreto se anulam.

A muralha tenaz que neste momento, e em todos, projeta seu sistema de sombras sobre terras que não verei é a sombra de um César que ordenou que a mais reverente das nações queimasse seu passado; é verossímil que a idéia nos toque por si mesma, para além das conjeturas que permite. (Sua virtude pode estar na oposição entre construir e destruir, em enorme escala.) Generalizando o caso anterior, poderíamos inferir que todas as formas têm sua virtude em si mesmas e não em um “conteúdo” conjetural. Isso coincidiria com a tese de Benedetto Croce; já Pater, em 1877, afirmou que todas as artes aspiram à condição da música, que é apenas forma. A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares querem dizer algo, ou algo disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão prestes a dizer algo; essa iminência de uma revelação, que não se produz, é talvez o fato estético.

Observa-se em uma leitura atenciosa deste ensaio de Jorge Luis Borges uma grande ênfase na relação existente entre os livros, as muralhas, a memória e o passado de cada imperador. Destruir o passado é condenar a

memória, a cada momento, não mais um recomeço e sim um começo em que tudo de antes fora destruído junto com os livros. A muralha funciona não só como meio de proteção, mas um marco capaz de representar o começo daquele momento da história.

Assim como este conto o historiador também dispõe em sua volta de livros antigos, muralhas e memória às vezes capaz de captar tão somente o presente ou os grandes marcos. Foi-se o tempo em que o trabalho historiográfico respaldava-se apenas na memória do presente, dos grandes marcos, dos eternos heróis ou mesmo refém somente dos registros escritos, oficiais antigos. Novas histórias brotam de novos problemas, de novos objetos, de novas fontes, de novas metodologias, de novas abordagens. No entanto, há uma muralha gigantesca que o historiador ainda não sabe lidar: a muralha da linguagem.

Talvez poucos sejam os cientistas sociais ou de outros ramos do saber que volta e meia se reapresentam no intuito de se renovar suas concepções com novas linhas em voga dentro do seu campo. Tal afirmação parece até se apresentar como um pensamento totalmente descontextualizado daquilo que se diz ser de práxis. Talvez seja até uma possível afirmação desvairada, mas o questionamento pretendido surge na discussão da ordem de que: poucos são os teóricos que se voltam para análise crítica construtiva da sua base epistemológica. Muitos, por descuido ou mesmo despreparo, lançam-se sobre teorias das quais mal tiveram a oportunidade de se *degustarem* e já se lançam na ofensiva daquilo metaforicamente podemos tirar da historinha do patinho feio que representava na realidade; um lindo cisne.

Assim, muitos equívocos são cometidos quando se tenta mesmo que didaticamente, expor através da construção de uma linha de pensamento, pois a bússola utilizada como orientação tem como seu campo magnético a concepção evolucionista das ciências e da vida. Diante desta observação o que se acaba promovendo é um grande desaranjo no sentido negativo das ciências e no caso mais específico deste texto, da historiografia.

Sempre é bom lembrar que todas as coisas são atravessadas pela história. Portanto, nada escapa da iluminação histórica. Hoje se percebe que tudo isso acaba se transformando ou transparecendo como uma invenção. Observa-se então que tudo aquilo que me apresentam como real não é real e

sim realidade e aqui nos remetemos ao mito da caverna de Platão, quando o filósofo é liberto e mesmo sobre forte luminosidade consegue desvendar a realidade. Ou seja, naturalizamos demais a realidade e isso acaba por definir todo o sistema da racionalidade e às vezes comprometendo o que é real. Apesar desta enunciação estar um tanto tenebrosa ela representa apenas a proposta filosófica de se ver o que há além das sombras, pois reconhece-se que o real advém da natureza, enquanto a realidade é elemento constituidor da cultura. Dessa maneira, quando questionarmos o que vem a ser História basta apenas reconhecer que nada mais é um discurso relativo do passado. Com isso percebe-se o jogo da História na apropriação do mundo e na construção da sua significação.

Mas o ser trabalhador autorizado da História o que representa? Apenas um contador de histórias? Surpreendentemente, porque a imagem repassada não transmite a complexidade da ação, no entanto, desmistifica o fator axiológico do construtor. Assim a historiografia acaba representando nada mais que um 'construto lingüístico intertextual'^b, pois o mundo nos é apresentado como um texto do qual lemos e extraímos significados. Portanto, historiadores contam histórias através das suas narrativas, orientadas por uma metodologia que busca não reconstruir um passado, mas para participarmos daquilo que Octavio Pazⁱⁱ chamou de alteridade, ou seja, minha projeção deve estar vinculada com a do outro para que eu perceba a minha existência e na qual busco desenvolver uma critica analítica em relação a mim.

Tudo o que até agora temos apresentado serve apenas como elemento demonstrativo da fragilidade epistemológica pairada sobre não só sobre a história, mas as demais ciências. O ilusionismo criado pela modernidade de que somos, enquanto historiadores, sujeitos atuantes no estudo e na pesquisa histórica, mas por ela não se sofre qualquer interferência não deixa de ser um grande equívoco. Essa idéia permeou e talvez ainda permeia em alguns pontos do campo historiográfico. Mas é importante reconhecermos que nós enquanto sujeitos, sendo historiadores, quando somos conduzidos ao passado na tentativa de se reconstruí-lo lembremos que além das nossas limitações, o passado se apresenta sobre forma fragmentada e a nossa construção não se dá na junção destes fragmento, mas sim, na exploração ao máximo das representações contida no menor fragmento.

Assim pensar a linguagem é pensar o mundo. Somos a realização e o fim da linguagem. A minha existência se dá somente no diálogo. Essas afirmações parecem ser estranhas e confusas, no entanto, apresentam bem a realização do ser no caminho da linguagem. Um dos grandes teóricos que tem bem problematizado essas questões o pensador russo Mikail Bakhtin. Bakhtin concebe a linguagem não só como um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”. Assim, somos habitados por uma língua múltipla, realizadora de experiências que nunca consegue tornar-se idêntica, diante da pluralidade comunicativa, como bem observa Larrosa.

Devemos portanto, violentar e questionar a linguagem trivial e fossilizada, violentando e questionando, ao mesmo tempo, as convenções que nos dão o mundo como algo já pensado e já dito, como algo evidente, que se nos impõe sem reflexão. Promover o que Borges recomendava em relação ao leitor da qual deveria ser um sujeito apto a **tergiversar** o sentido dos textos permitindo então que eles fossem, como sugestão do Larrosa, despedaçados, recortados, citados, in-citados, ex-citados, traídos, transpostos, entremesclados com outras letras, outras palavras, provocando com tudo isto a abertura do texto para sua enunciação, desvendamento, garantindo que o texto se deixe escrever. Realizar, portanto, a ação de enfiar-se na leitura, enfiar-se no texto, fazer com que o texto trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever.

Assim sobrevive o historiador entre as memórias, muralhas e livros.

ⁱ Emaranhado de histórias.

ⁱⁱ Signos em rotação e O arco e a lira

Referência bibliográfica:

- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**, volume 2 – São Paulo: Globo, 1999.
CASTELO BRANCO, Edwar. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.
LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Danças, Piruetas e Mascaradas. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
_____. **Habitantes de Babel**. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

- LEVILLE, Christian & Dionne, Jean. **A Construção do Saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora UFMG/ARTMED, 1999.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- QUEIROZ, Teresinha. **Os Literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Editoras UFPB & UFPI, 1998.
- SANTANA, R. N. Monteiro(org.). **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.